

A INSERÇÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA : o caso da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Linete Bartalo

linete@uel.br

Ivone Guerreiro Di Chiara

dichiara@uel.br

Miguel Luiz Contani

contani@sercomtel.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

RESUMO: Com o objetivo de investigar a percepção das comunidades discente, docente e de funcionários a respeito da profissão e atuação do profissional arquivista e sua inserção na sociedade, realizou-se esta pesquisa que teve um total de 44 participantes entrevistados em vários pontos do campus da Universidade Estadual de Londrina (UEL). De uma abrangência mais ampla foram levantadas e analisadas as respostas dos participantes às questões referentes a 1) necessidade de curso superior para exercer a profissão de arquivista; 2) opinião a respeito da arquivologia e 3) opinião a respeito do profissional arquivista. As respostas foram analisadas utilizando-se a técnica de análise de conteúdo, seguindo-se as três etapas propostas por Bardin (1977) de pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. Os resultados permitem afirmar que esta comunidade admite que para ser arquivista é necessário possuir um curso superior. Já as opiniões a respeito da arquivologia foram influenciadas pelo desconhecimento sobre esta área e também sobre o profissional arquivista. Ou seja, o posicionamento assumido pela comunidade investigada se torna prejudicado, uma vez que desconhecendo a profissão também se desconhece seu trabalho, sua função e por consequência, seu espaço na sociedade.

Palavras-chave: Profissional Arquivista; Arquivologia; Inserção Social; Opinião; UEL.

INTRODUÇÃO

Quando se pensa na acepção do termo arquivo, há sempre um cuidado a tomar: a associação com a noção de depósito – em geral físico, um local para onde as pessoas se dirigem para buscar documentos “armazenados”. Essa visão simplificada, além de difícil de ser substituída, distorce e reduz a importância de uma área que é vital diante da necessidade de promover registros da atividade humana e realimentar, com dados rapidamente acessíveis, as decisões dos diferentes grupos nas ações mais diversas e sobretudo, seguir construindo a história. Sobretudo a arquivologia contemporânea denominada integrada, que preceitua a gestão documental/informacional desde a produção do documento até sua destinação final. Expressões associadas a esse fenômeno são: cultura, práticas sociais, memória e reconstrução do passado, construção do conhecimento, geração de informação. Estão também implicadas as noções de preservar, custodiar, promover serviços de difusão, prestar consultoria, tratar a informação para que possa ser relevante e eficaz diante de sua necessidade.

Desse modo, trata-se de uma área que requer alto grau de profissionalização quanto mais complexa se torna a sociedade e as tecnologias de que passa a dispor. Fala-se então do profissional arquivista que não pode mais ser considerado simplesmente como um funcionário guardador de documentos. Por sua influência no tratamento do material que maneja, pela habilidade que precisa possuir para lidar com suportes eletrônicos, impressos, fotográficos, pela consciência que deve possuir acerca dos impactos de sua função para a sociedade, o arquivista exerce um papel de agente cuja relevância deve ser continuamente estudada e dimensionada. De acordo com a visão de arquivologia integrada o arquivista atualmente é um gestor da informação e deve ser percebido como tal. A pergunta, portanto, que dá origem a este estudo se apresenta da seguinte forma: - de que modo é percebida a inserção do profissional arquivista e como essa percepção se articula com o conhecimento da profissão, tanto no aspecto da formação para obtê-la como em seu papel no atual ambiente socioeconômico do país?

Os pressupostos que norteiam a busca de resposta a este questionamento são três: 1) a profissão de arquivista não é conhecida na amplitude dos estudos que promove; 2) para desenvolver qualquer atividade, demanda-se o uso de informação e documentos –, arquivo e recuperação são determinantes para acesso e apropriação da informação; e 3) embora haja desconhecimento da arquivologia como área de atuação, existe um entendimento ainda que superficial, de tratar-se de uma profissão de muita responsabilidade e profundo impacto.

O objetivo geral da investigação foi avaliar o alcance da percepção, por parte da comunidade da Universidade Estadual de Londrina – abrangendo os segmentos estudantil, docente e técnico-administrativo – acerca de como se insere o profissional arquivista, os impactos de seu trabalho e a importância atribuída à sua formação.

Os objetivos específicos foram:

- Verificar a opinião dos participantes a respeito da necessidade de curso superior para o exercício da profissão de arquivista;
- Descrever as percepções apresentadas sobre as características da profissão e sua importância e impacto no desenvolvimento das práticas sociais;
- Analisar as implicações decorrentes das percepções levantadas e do potencial que projetam para a inserção social deste profissional.

Esta pesquisa foi constituída como um estudo de caso, e os procedimentos analítico-metodológicos estão descritos mais adiante, tendo sido inspirados na fundamentação encontrada na análise de conteúdo, conforme proposição de Bardin (1977). Como decorrência das análises, serão adicionalmente discutidos aspectos presentes na linha de investigação dos autores compreendendo informação e conhecimento como objetos de intervenção e transformação científica, tecnológica e cultural. Os dados levantados foram analisados sob o ponto de vista de ambiente, canais, fluxos, políticas, mediação da informação e produção científica.

A CONCEPÇÃO DE ARQUIVISTA

A nova ordem social que coloca a informação e os meios de comunicação como fatores estratégicos para a geração de novos conhecimentos e competitividade entre as organizações –, bem como as novas formas de acesso e distribuição da informação – impulsionam a criação de novas metodologias não só de trabalho, mas também para o enfrentamento da vida em todos os setores, aí inseridas as relações sociais, as relações familiares, a busca da aprendizagem continuada, e uma multiplicidade de outros aspectos. Nesse contexto, Castro (2000, p.145) assinala que “a sociedade industrial cedeu lugar à sociedade da informação” e questiona qual a denominação a ser dada à sociedade do futuro: “sociedade do digital, sociedade do lazer?”

Ao falar de educar para a sociedade da informação, Takahashi (2000, p.45) lembra que se trata de algo muito mais amplo do que treinar pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação. Isso pressupõe investir para criar competências com um grau de amplitude capaz de permitir que os envolvidos, além de uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, estejam capacitados a “tomarem decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas”. Acrescenta o autor que se trata também de “formar os indivíduos para ‘aprender a aprender’, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica”.

Nessa perspectiva, o processo educacional associa-se diretamente ao constante avanço e evolução da sociedade, sobretudo às transformações sofridas pelo mercado de trabalho. É impossível deixar de reconhecer que a educação centra-se mais no aprender a aprender do que no aprender conteúdos, uma vez que “uma das tarefas mais importantes no processo educacional, hoje, é ensinar como chegar à informação. Parte da consciência de que é impossível estudar tudo, de que o conhecimento não cessa de progredir e se acumular. Então o mais importante é saber conhecer os meios para se chegar até ele” (SILVA; CUNHA, 2008, p.78). Os autores também sustentam que “aprender a conhecer é um pilar que tem como pano de fundo o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Aprender para conhecer supõe aprender para aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento”.

Nessa nova perspectiva, a da sociedade do conhecimento, que pressupõe reconhecer as modificações da cultura, a cultura da aprendizagem, na qual aprender constitui-se numa exigência social crescente, o profissional arquivista deve assumir uma atitude proativa, mais voltada para o futuro, em todos os sentidos, principalmente quanto à reflexão sobre o seu papel nessa nova sociedade. Nesse sentido, Jardim e Fonseca (1999, p. 32) convidam os arquivistas a uma reflexão integral sobre a arquivologia, ao declararem que

Como agentes e sujeitos destas transformações, os arquivistas vêm-se obrigados a debruçarem-se sobre a Arquivologia em três dimensões que se integram, ou seja: o conhecimento arquivístico, as organizações arquivísticas e o próprio arquivista. Na interseção destas três dimensões, encontra-se o ensino arquivístico, tendo como principais atores o arquivista em formação inicial e o arquivista como docente e pesquisador. Ambos se inserem num cenário em cujo macrocosmo social localiza-se a Universidade, as organizações arquivísticas e as demandas que legitimam uma profissão à medida que esta assume tarefas socialmente importantes.

Nesse sentido, os cursos de Arquivologia em seus Projetos Políticos Pedagógicos deverão contemplar essa formação integral exigida pelos novos tempos em decorrência da transformação da sociedade.

A ESCOLHA DE UMA OCUPAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Quando se aborda a questão do mundo do trabalho, expressão utilizada na contemporaneidade em substituição a mercado de trabalho, não podemos nos esquecer que ele é um espaço que se apresenta como uma das aspirações mais importantes do ser humano, não

só pela questão econômica e, conseqüentemente, de sobrevivência, mas também pela sua dimensão social. Essa dimensão, de acordo com Ramos (2007, p.7) “[...] antecede e supera a dimensão estritamente econômica, pode-se asseverar que as ações relativas ao mercado de trabalho são fundamentais para promover a equidade e o bem - estar de uma sociedade”.

A empregabilidade, no entanto, tal como entendida pela maioria dos indivíduos, com carteira assinada, décimo terceiro salário e outros benefícios, encontra-se em franco declínio, crescendo por outro lado a contratação por tempo determinado, o trabalho informal e a terceirização. Mas, apesar das adversidades, os jovens não abandonaram o sonho de ter uma profissão e conseqüentemente obter um lugar no mundo do trabalho. Visando essa conquista eles ainda acreditam na educação formal. Essa educação lhes confere uma profissão, cuja escolha geralmente ocorre precocemente aos 18 anos quando prestam vestibular para ingressar em algum curso em nível superior.

Valore e Seling (2010, p. 391) questionam essa escolha apoiadas no texto de Dupas (1999) e destacam que as alterações hoje experimentadas na lógica de produção global e o paradigma mais flexível, precário e instável do emprego “geram insegurança e preocupação com a exclusão social, causando perplexidade em sociedades como as ocidentais, nas quais o emprego tem papel central, não somente na obtenção de renda, mas também na integração social do indivíduo e na formação de sua identidade pessoal”. Contudo, as autoras mostram, com base na literatura, que a suposta exclusão social está ligada ao consumo. Quem não possui uma profissão que lhe dê renda suficiente para consumir, não se realiza profissional e pessoalmente. Desse modo, as inseguranças trazidas pelas alterações no mundo do trabalho acabam influenciando na escolha de uma profissão pelos jovens no momento do vestibular.

A área de direito, por exemplo, está entre as mais procuradas pelos futuros ingressantes no mundo do trabalho. Eles buscam, sobretudo depois de formados, os concursos públicos que lhes garantam acesso a cargos não atingidos pelas alterações ocorridas no novo paradigma do emprego. São cargos cujos salários são altos e asseguram a discutida inclusão social, principalmente via consumo. Os jovens procuram também áreas que na iniciativa privada, quer no mundo do emprego, quer como autônomos, garantam-lhes um bom rendimento. Como exemplos dessas áreas, podemos citar a odontologia, a medicina e as engenharias.

Letelier (1999, p.136) afirma, contudo, que “segundo o discurso dominante, o mercado de trabalho está demandando uma mão de obra mais escolarizada para o desempenho do trabalho. Porém, se fosse certa esta afirmativa, deveria estar ocorrendo um certo grau de homogeneidade em determinadas ocupações”. O autor lembra também que “entretanto, quando associamos anos de estudo a categorias correspondentes da estrutura de mercado, os dados mostram que a escolaridade não é uma condição determinante para o desempenho de certas funções, o que questiona a hipótese”. Essa afirmativa pode mostrar que a insegurança com relação ao trabalho tende a aumentar, pois como destacam Valore e Seling (2010), os jovens da classe média tem prolongado os anos de estudos após a graduação, subsidiados financeiramente pelos pais e retardando, desta forma, o ingresso na vida adulta e autônoma.

Neste contexto de incerteza e insegurança com relação ao trabalho e de valorização de certas ocupações em relação a outras, Castells (2002, apud LOUREIRO; JANNUZZI, 2007, p.25) afirma que “[...] cargos como os de administradores, profissionais especializados e técnicos, considerados ricos em atividades de informação, representam o cerne da nova estrutura ocupacional”. Com base na afirmativa de Castells e levando-se em consideração que vivemos a chamada era do conhecimento e da informação, seria de se esperar que os denominados profissionais da informação como os bibliotecários, documentalistas, museólogos e arquivistas fossem ocupações muito valorizadas pelos jovens preocupados com a inserção no mundo do trabalho, o que certamente seria um reflexo da importância atribuída a essas ocupações pela própria sociedade do século XXI. Mas onde podemos localizar relatos de sucesso profissional de bibliotecários, documentalistas, museólogos e arquivistas? Qual a novela ou o filme cujo protagonista de sucesso pertence a uma dessas ocupações?

FORMAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL DO ARQUIVISTA

A sociedade do século XXI demanda um profissional diferenciado e competente com formação científica e capacidade de adaptação às novas relações econômico-sociais. Há mais de três décadas Branche (1975, p.27) já alertava que “a formação de pessoal qualificado, de um corpo de funcionários especializados nos problemas de arquivos, é essencial para o futuro dos arquivos brasileiros.” Acrescentava o autor que para obter resultados satisfatórios esse trabalho deveria “prosseguir sem interrupção e conduzir normalmente à criação de uma escola de

arquivistas da qual o Brasil tem necessidade premente, ou pelo menos de uma série de cursos permanentes, nos quais serão ensinadas as diferentes matérias indispensáveis”. Esta seria a alternativa para que o Brasil pudesse recrutar arquivistas qualificados para uma função cada vez mais indispensável ao país.

Na busca de tal profissional, faz-se necessária uma oferta educativa que contemple a formação integral, pois o mundo do trabalho está cada vez mais exigente em relação ao perfil que os profissionais devem apresentar. Se há alguns anos, os quesitos que contavam pontos passavam somente pela boa formação acadêmica e pelo bom nível de conhecimentos técnicos em área específica, agora vão além e exigem outras habilidades. A desenvoltura e a flexibilidade de funções necessárias ao desenvolvimento de uma profissão solicitam, desde muito cedo, a aquisição de uma série de características.

Constata-se com facilidade que estas mudanças estão levando as organizações formais a se reestruturarem o que, inevitavelmente, repercute no delineamento de um perfil profissional mais compatível com a nova realidade. O desenvolvimento científico e tecnológico, suporte fundamental da globalização, aumenta a complexidade do mundo e passa a exigir um profissional com competência para lidar com um número expressivo de fatores. Sobre as exigências de alguns mercados de trabalho, observa-se que o profissional da informação deve ser um especialista em sua área de conhecimento, além de “um profundo conhecedor dos recursos informacionais disponíveis e das técnicas de tratamento da documentação, com domínio das tecnologias mais avançadas; ser um gerente efetivo; ser um líder para enfrentar as mudanças e suas conseqüências” (SANTOS, 2000, p.113).

São múltiplas as possibilidades abertas ao Bacharel em Arquivologia no mercado de trabalho. Ele pode atuar em instituições arquivísticas, em setores de documentação ou informação, em centros culturais, serviços ou redes de informação, em órgãos de gestão do patrimônio cultural e em muitos outros órgãos que tenham a utilização da informação como central para o desenvolvimento de suas atividades. Nesse sentido, Guimarães (2000, p.54) aponta o profissional arquivista como sendo “intérprete de cenários da informação, vendedor de serviços de informação, empacotador da informação, administrador da informação, provedor e facilitador da transferência da informação”.

Com a flexibilidade do mercado de trabalho para os profissionais da informação, surge o anseio e a necessidade de se pesquisar quais são os novos mercados, suas necessidades e exigências. Bellotto (2010, p.3) ressalta que especialistas que tratam da formação e desenvolvimento profissional do arquivista são unânimes ao reconhecer “as deficiências da formação, a falta de relação entre o mercado de trabalho e o mundo universitário, assim como apontar as fraquezas internas da profissão” e as atribuem não só à “debilidade de formação, mas também da carência de maior consolidação das teorias, das normas, da evolução vertiginosa das tecnologias não acompanhada pelo mesmo ritmo no ensino e aprendizagem”.

MATERIAIS E MÉTODOS

Fundada em 1970 e reconhecida em 1971, a Universidade Estadual de Londrina – UEL organiza-se em 9 Centros de Estudos, 57 Departamentos; 15 Órgãos Suplementares; 6 Órgãos de Apoio, 6 Órgãos Executivos (as Pró-Reitorias) e a Prefeitura do Campus; 1 Órgão Consultivo - Conselho de Interação Universidade Sociedade e os Órgãos Deliberativos: o Conselho de Administração, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e o Conselho Universitário. Tem como missão institucional promover o ensino, a pesquisa e a extensão e para isso busca gerar, disseminar e socializar o conhecimento em padrões elevados de qualidade e equidade; formando profissionais nas diferentes áreas do conhecimento. Promove o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, social, artístico e cultural da sociedade e comunidades da região onde está inserida, conservando e difundindo os valores éticos e de liberdade, igualdade e democracia.

A UEL é o locus desta pesquisa e compõe o caso em estudo. É uma instituição de ensino superior que oferece 45 cursos de graduação, 87 de especialização, 42 de mestrado e 19 de doutorado. Possui 15.801 estudantes de graduação e 3.705 de pós graduação, 1680 docentes e 3641 funcionários técnico-administrativos (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2012). Participaram desta pesquisa 44 membros desta comunidade, sendo sete professores, 12 funcionários e 25 estudantes.

Os participantes foram entrevistados aleatoriamente¹ de acordo com um roteiro semi-estruturado, em diversos pontos da UEL com o objetivo de abranger as três categorias desta comunidade. Assim, a Reitoria; todos os centros e departamentos; locais de encontro como o Restaurante Universitário; as cantinas; os pontos de ônibus; Bibliotecas e calçadão foram visitados na busca de membros da comunidade universitária a serem entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e os participantes receberam números (P01 a P44), na sequência em que foram entrevistados, independentemente de sua categoria ser aluno, professor ou funcionário. Posteriormente, os conteúdos das entrevistas foram sintetizados para facilitar a análise dos resultados.

Para análise das respostas, adotou-se a técnica de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977, p. 37), é definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Na aplicação desta técnica foram seguidas as três etapas previstas, pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. As categorias utilizadas na análise de conteúdo foram definidas a posteriori com base nas respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa, são elas: 1) A formação do arquivista; 2) Opinião a respeito da arquivologia; e 3) Opinião a respeito do profissional arquivista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação do arquivista

Será mesmo necessário fazer faculdade para ser arquivista? Na opinião de um dos participantes, não existe esta necessidade: *Porque não só esse tipo de trabalho, mas muitos outros na verdade não se necessita ter um curso superior, não que você não vai se qualificar nisso mas, hoje em dia a gente sabe que a pessoa pode ser um ótimo jornalista sem um curso de jornalismo, um ótimo publicitário às vezes sem o curso de publicidade especificamente, um*

¹ A coleta de dados foi realizada por Síntique Raquel Eleutério, à época aluna do curso de Especialização em Gestão de Arquivos Empresariais da UEL.

comunicador sem ter feito comunicação, então não só de arquivologia eu acho que muitos outros cursos hoje em dia a gente não necessariamente precise disso, mas é uma forma de se especializar sim (P26).

Já para outro participante essa necessidade é urgente para todas as profissões, revelada em sua fala de que *Todo mundo, na verdade, deveria ter curso de nível superior independente da profissão, mas pra isso teriam que ter todos os tipos de curso, então tendo por exemplo o curso de arquivologia eu acho que é uma coisa válida sabe... É bom assim mesmo a pessoa que queira ser arquivologista por exemplo ela pode fazer um curso de graduação (P22).*

As opiniões se dividem, sendo que dos 44 entrevistados, 12 não responderam a essa pergunta, 13 acham que para ser arquivista é necessário ter curso superior, 16 também acreditam que se necessita do curso para exercer a profissão, porém não foram firmes em suas respostas. Dois acham que não precisa de curso superior, mas não tiveram firmeza em suas respostas, enquanto que um outro acha que não precisa e teve convicção em sua resposta. Esse quadro mostra ambiguidade e oposição entre a crença, por um lado, no valor de um curso universitário para dar base e consolidar o exercício de uma profissão e, por outro, a convicção de que a pura experiência prática assegura habilidades e competências para esse exercício.

A fala do participante 33 é exemplar no sentido de demonstrar essa divisão também pelo raciocínio que desenvolve: *Olha é assim, são níveis de arquivistas, eu acho que precisa sim, você precisa saber conhecer a informação, conhecer todo o procedimento para você poder trabalhar com esses documentos e quando acrescenta: não que de repente pra você fazer um arquivo pequeno alguma coisa de uma empresa pequena, por exemplo, um posto de gasolina, talvez você tendo um pouquinho de boa vontade de conhecimento, você consiga fazer, mas uma empresa grande por exemplo não tem como uma pessoa que não tem uma formação que não tem um conhecimento mais específico da área trabalhar com todo o tipo de informação.*

Ainda sobre a percepção a respeito da importância de realizar um curso superior para tornar-se profissional arquivista, é significativa a manifestação de P34 que ao reconhecer a necessidade, exemplifica com associações com biblioteconomia: *Sim, na verdade eu não sei muito sobre o curso, mas eu sei que envolve muitas coisas em questão de usar sistema pra poder arquivar e também pra poder melhorar por exemplo, bibliotecas em termos mais de*

arquivos mesmo e eu acho que tá um pouco influenciando biblioteconomia também. O equívoco se mostra mais acentuado na fala de P44 que também endossa a necessidade de curso superior: Sim, acho importante justamente por considerar essa atuação ao curso de biblioteconomia por isso considero a importância de um curso superior, sabe que eu não faço a distinção entre biblioteconomia e arquivologia.

O curso superior em sua natureza influenciadora de competências aparece mencionado de forma singular na fala de P43: *Com certeza, tem sim, porque pra isso tem técnicas, você tem que aprender a fazer isso, não é simplesmente você saber... Pega um documento e arquiva, não é...* O curso superior é visto como fator de êxito por P38: *Eu acho que sim, acho que em todas as profissões se você tiver um curso superior você vai ter uma probabilidade maior de não errar e isso já tá bom.* Os dados mostram que os participantes reconhecem e apoiam a formação em arquivologia como curso superior. A não distinção entre arquivologia e biblioteconomia é bastante presente, e esse é um dado a merecer atenção. O destaque importante é para o valor atribuído ao curso superior na formação de habilidades.

Opinião a respeito da arquivologia

Quando estimulados a expressar sua opinião a respeito da arquivologia, os respondentes manifestaram predominantemente o fato de não conhecerem a profissão o suficiente para opinar. Entre os que se propuseram a expressar alguma opinião, torna-se de certo modo evidente que estão falando a respeito de impressões que têm da profissão e não necessariamente um conhecimento efetivo a respeito dela. Uma expressão reiterada é a de “profissão importante” ou “de importância”, conforme exemplificado por manifestações tais como a obtida do P23: *Eu acho que é uma profissão importante, ela deve ter uma regulamentação maior, porque hoje em dia você não tem obrigatoriedade do arquivista nos setores em que deveriam existir, então primeiro deve haver uma regulamentação maior do curso.*

Outros dois respondentes deram o mesmo direcionamento a suas ponderações: *Eu acho que é superimportante assim como todas as profissões, você tem profissões pontuadas mas, todas elas se completam, então é muito importante dentro de uma empresa na própria organização de documentos, organização de setores, eu acho que é muito importante (P24); Olha eu vejo a importância de guardar dados é que se você guardar os dados de forma precisa você tem história de qualquer... De qualquer coisa né, trabalho, vida de outro ser humano,*

então eu acho que uma empresa que guarda dados ela mantém uma informação precisa de um longo tempo, através das informações para que ela possa ter um bom desempenho (P25).

A evidência de que o conhecimento sobre a profissão ainda não é pleno e se baseia mais em impressão é encontrada nas seguintes falas, com a expressão “imagem” e com o verbo opinativo “achar”: *A imagem que eu tenho de arquivista é de uma pessoa que vai cuidar e manusear pode ser de um laboratório ou uma faculdade mesmo, organizando (P21); Acho necessário porque precisa de organização, precisa ter uma certa organização mesmo (P27).*

O desconhecimento sobre a área e a profissão estão bem evidenciados na resposta direta deste respondente: *Eu não sei muito sobre o curso nem o que a pessoa faz (P22).* Aproximadamente outros 20 respondentes tiveram respostas análogas compostas da negativa “não” ou da expressão “não sei afirmar”. Os participantes que não tinham opinião não deixaram, no entanto, de afirmar que reconheciam que pode ser uma função importante.

A arquivologia como área de trabalho é apontada pelo P31 por meio de associação com a trajetória daquele que a exercita: *Eu acho que todo profissional merece ser respeitado, eu acho que não existe nenhum profissional que não tenha função de existir. Então eu acho que se tem, se foi desenvolvido um curso pra isso é porque ele tem sim seu espaço e a sua importância independente de qual seja, então o arquivista pelo menos lá na minha Instituição ele tem um papel bastante importante.* Ao expressar-se dessa forma quando perguntado acerca de sua opinião sobre a área de arquivologia, o informante com certeza, ao falar do respeito ao profissional quis dizer respeito pela área, o mesmo acontecendo quando enfatizou a necessidade de ocupar o espaço que lhe cabe.

A presença do desconhecimento e mesmo assim não se sentindo impedido de opinar é evidente no que responde P36: *Não sei dizer... Porque eu nunca perguntei o que faz alguém que faz arquivologia, mas se tem o curso acho que é porque algum motivo tem, alguma fundamentação tem, todos os cursos são importantes não tem que se desmerecer.* De novo a menção ao curso para falar a respeito da área encontra-se nas palavras do P41: *Eu acho interessante a UEL ter esse curso, deve ter mesmo, como eu falei pra você não generalizar tudo pra você se especializar nisso e ter mais pessoas com possibilidades de escolha e que a pessoa pode falar "eu gosto disso, gosto dessa área, quero trabalhar" ainda mais e dar mais oportunidades abrir mais cursos que é interessante pras pessoas também poder escolher e é*

uma área legal, uma área que vai beneficiar outras áreas também ela pode trabalhar em paralelo com outra profissão como história, por exemplo, como em qualquer outra área eu acho que sendo a humanas é interessante.

Com maior ou menor facilidade de expressar-se (as transcrições foram feitas na íntegra, incorporando a oralidade típica dessa situação de coleta), os informantes apresentaram um panorama que reúne um conjunto de elementos que não deixa de revelar o potencial de percepção que pode ser melhorado. Destacam-se elementos tais como o respeito merecido pela área, o valor de uma formação em arquivologia, a influência de seu exercício profissional. Aparece também o lado contributivo da arquivologia para outras áreas e o modo sinérgico com o qual deveria operar. Há todo um sentido de apoio predominante sobre a atitude de abstenção nas respostas.

O arquivista em resposta à demanda da sociedade

Este tópico analisa os dados da pergunta que levantou a opinião dos respondentes sobre o profissional arquivista. Todos os 44 participantes da pesquisa emitiram alguma resposta com relação a essa questão. No entanto, pelas falas obtidas, constata-se que a maioria dos participantes não tem opinião sobre a profissão alegando que não a conhecem. Alguns se limitaram a dizer como é o caso do P01 *Porque não conheço este curso, não tinha ouvido falar, é isso.* O participante 07 disse simplesmente: *Ah, falta de informação.*

Com outras palavras e de modo diverso, os participantes da pesquisa, em sua maioria, responderam que não têm informação e tampouco opinião sobre a profissão em tela que parece, pelas respostas obtidas, não ser de interesse para a comunidade universitária, população-alvo deste estudo. O respondente P29 alegou que não poderia ter uma opinião sobre o que não conhece, ressaltou ainda não conhecer ninguém da área. Outros justificaram o desconhecimento atribuindo-o à falta de divulgação da profissão e até mesmo da mídia. Um dos respondentes (P26) afirmou: *Não sei, o pouco conhecimento de fato que eu tenho, o pouco que eu tenho possivelmente tenho da mídia porque eu nunca pesquisei nada a respeito, nunca li nada a fundo em relação a isso, então é a mídia mesmo que coloca isso dessa forma, que pinta nesse quadro.*

No nosso entendimento, a divulgação da profissão não é de responsabilidade exclusiva da mídia, uma vez que esta promove mediação de notícias ou outras formas de expressão baseadas em pautas e agendamento de matérias que entendem serem de “maior” interesse para a sociedade. Então, a questão permanece relacionada à importância que a sociedade atribui a uma profissão. A mídia se preocupa, por exemplo, com a formação de médicos, com exame da ordem dos advogados do Brasil, pois se trata de profissões tradicionais, cuja importância social é demonstrada pela alta demanda nos concursos vestibulares. Se a sociedade como um todo sentisse necessidade do trabalho do arquivista, a mídia certamente trataria do assunto com mais frequência, e a profissão seria mais divulgada.

Por outro lado, as instituições de ensino, notadamente aquelas que trabalham com alunos do ensino médio, deveriam orientar mais seus discentes com relação às opções para escolha da futura profissão, incluindo neste contexto a profissão de arquivista. Tanto que um participante da pesquisa (P19) ressaltou: *Eu nunca... nem nos testes vocacionais eu nunca vi muita coisa relacionada a isso e é uma coisa que tipo quando a pessoa tá entrando na faculdade é uma coisa que ela faz bastante... e eu acho que é pouco divulgado realmente este curso.*

Com relação aos participantes que têm conhecimento da profissão, constatou-se que o arquivista é conhecido por aqueles entrevistados que são alunos do curso em questão, então é óbvio que eles têm conhecimento sobre o trabalho desenvolvido por esse profissional, até porque ao se inscreverem para o curso no vestibular, procuraram, certamente, buscar informações sobre ele. Um participante da pesquisa (P21) disse: *Eu pesquisei um pouco quando fui prestar o vestibular para saber as profissões. Eu pesquisei um pouco mas, conhecimento assim eu perguntei pra minha mãe algumas coisas e ela me explicou mais ou menos porque ela fez Biblioteconomia que são cursos parecidos só com algumas particularidades.* Por outro lado, o indivíduo que, de alguma forma, precisa do trabalho do arquivista para o desenvolvimento de suas atividades acaba, por necessidade, conhecendo essa profissão. É o caso de historiadores e profissionais da área administrativa, nesta pesquisa, funcionários da própria universidade que constituem uma minoria dentro da população estudada.

A evidência de que o conhecimento da profissão está relacionado à necessidade dos serviços é obtida em afirmativas como a do P15: *Por causa da nossa profissão né, porque a*

gente depende dos arquivologistas para pesquisar os arquivos, um monte de coisa, então eu acho importante. Cabe, portanto, ao arquivista mostrar a importância do seu trabalho, e essa é a melhor estratégia para divulgar a profissão e mudar o cenário aqui apresentado. Não será uma tarefa fácil em um país como o Brasil, cuja parte da memória ainda que recente comparada aos países europeus, já se perdeu, e a contribuição do arquivista neste processo seria fundamental, uma vez que os arquivos, os museus e as bibliotecas são considerados “lugares de memória”.

CONCLUSÃO

Uma das recomendações emanadas da I REPARQ – Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia – foi a de “Pensar em um projeto nacional para investigar as imagens sociais do arquivista” (MARQUES; RONCAGLIO; RODRIGUES, 2011, p. 446). O caso aqui apresentado foi uma iniciativa nesse sentido, e o problema que deu origem ao estudo foi projetado numa pergunta que a instituição – Universidade Estadual de Londrina (UEL) fez a si própria acerca de como a comunidade nela presente percebia a inserção do profissional arquivista. A questão se desdobrava no sentido de aferir o modo como essa percepção se articulava com o conhecimento da profissão, e inquiria a respeito da formação para obtê-la e seu papel no atual ambiente socioeconômico do país.

Havia, já de início, a pressuposição construída pela vivência dos autores, de que sempre fora limitado ou nulo o conhecimento sobre a profissão, inclusive com quase nenhum alcance para além do conceito de armazenamento, guarda e custódia de documentos. Também por outro lado, igualmente restrita era a visão sobre o profissional arquivista percebido como um mero funcionário que retira e recoloca pastas em gavetas ou prateleiras. Os dados do caso em estudo confirmaram esses aspectos, porém não deixaram de lançar luz sobre a demanda no sentido de ampliar estudos a respeito da percepção sobre a área. Os participantes da pesquisa, por sua vez frisaram que embora falassem do que não conheciam, imaginavam que estavam tratando de algo importante. Uma relevância que ainda não sabiam aferir em sua real extensão, mas que lhes parecia digna de nota, e assim se expressaram.

As revelações que se podem depreender desse percurso indicam que a sociedade irá abandonar a visão simplificada dessa área e dessa profissão e atribuir-lhes o devido valor, apenas no momento em que perceber a importância para o próprio cotidiano de sua vida, cada vez mais complexa como resultado das mudanças pelas quais passa o mundo atual. A tarefa de

promover essa transformação tem uma etapa que certamente está a cargo da universidade em seu papel de promover a pesquisa, o ensino e a extensão. Os formuladores de currículo devem levar em conta os anseios da comunidade do conhecimento e buscar inserir conteúdos que reforcem a compreensão a respeito da necessidade do trabalho do profissional arquivista.

Arquivologia é um conhecimento cada vez mais inserido no mundo do trabalho, e como tal deve acompanhar suas transformações. Ela pode ser instrumento de atualização, promover integração de equipes, melhorar a cultura organizacional. O profissional que nela atua, mais do que exercer uma tarefa, exerce um papel cuja magnitude talvez nem ele ainda compreenda totalmente. O sucesso na carreira de bibliotecários, documentalistas, museólogos e arquivistas nem sempre estará expresso em premiações como aquelas que as empresas costumam outorgar a seus colaboradores quando cumprem as metas que lhes são determinadas. Não é em princípio desse modo que se medem realizações em arquivologia, mas elas existem e precisam ser enunciadas. O êxito nesse propósito terá efeito diretamente proporcional ao reconhecimento atribuído, um prestígio que ganhará corpo e crescerá no mesmo grau da expansão dessa tomada de consciência de valor.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1977.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **O arquivista na sociedade contemporânea**. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/texto01.pdf> Acesso em jun. 2010.

BRANCHE, Henri Boullier de. **Relatório sobre o Arquivo Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça; Arquivo Nacional, 1975.

CASTRO, César Augusto. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Informação & Sociedade : Estudos**, João Pessoa, v. 10, n.1, p. 142 – 156, jan./jun. 2000.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da informação sob o prisma da sua formação. In: VALETIM, Marta Lígia Pomim. **Profissionais da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. cap. 2, p. 31 – 52.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.

LETELIER, Maria Eugenia G. Escolaridade e inserção no mercado de trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, n.107, p.133-148, jul.1999.

LOUREIRO, Mônica de Fátima; JANNUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: análise de inserção no mercado de trabalho brasileiro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.12, n.2, p.23-48, maio/ago.2007.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. **A formação e a pesquisa em arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília : Thesaurus, 2011. 452 p.

RAMOS, L. **O desempenho do mercado de trabalho brasileiro: tendências, fatos estilizados e padrões especiais**. Rio de Janeiro: IPEA, 2007. 44 p.

SANTOS, Jussara Pereira. O perfil do profissional bibliotecário. In: VALETIM, Marta Lígia Pomim. **Profissionais da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. cap. 5, p. 107 - 118

SILVA, Edna Lucia; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v.31, n.3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>>. Acesso em 27 jun. 2012.

TAKAHASHI, T. (Coord. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasil: Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasília, 2000.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Proplan – Pró-Reitoria de Planejamento**. Londrina, 2012. Disponível em:< WWW.uel.br/proplan/?conten=dadosuel.html>. Acesso em 31 de jul.2012.

VALORE, Luciana Albanese; SELIG, Gabriele Ana. Inserção profissional de recém-graduados em tempos de insegurança e incertezas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.10, n.2, p.390-404, 2º quad. 2010.